Ideias para pensar roteiros freireanos

Rafaela Soares da Silva Uliana

Antonio Donizetti Sgarbi

PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Humanidades
Instituto Federal do Espírito Santo

RAFAELA SOARES DA SILVA ULIANA
ANTONIO DONIZETTI SGARBI

VALENOTA?
***Ideias para pensar roteiros
freireanos***

Vitória
2021

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES – 656

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

U39n Uliana, Rafaela Soares da Silva.
Vale nota? [recurso eletrônico] ideias para pensar : roteiros
freireanos / Rafaela Soares da Silva Uliana, Antonio Donizetti Sgarbi – 1.
ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.
54 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-89716-64-8 (E-book)

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Ensino
fundamental – Estudo de casos. 4. Ensino – Meios auxiliares. 5.
Professores – Formação. 6. Humanidades. I. Sgarbi, Antonio Donizetti. II.
Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

DOI: 10.36524/9786589716648

*Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.*

Jadir José Pela
Reitor

Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitora de Ensino

Renato Tannure Rotta de Almeida
Pró-reitor de Extensão

André Romero da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Adonai José Lacruz
Coordenador da Edifes

Conselho editorial

Aldo Rezende * Ediu Carlos Lopes Lemos * Felipe Zamborlini
Saiter * Francisco de Assis Boldt * Glória Maria de F. Viegas
Aquiye * Karine Silveira * Maria das Graças Ferreira Lobino *
Marize Lyra Silva Passos * Nelson Martinelli Filho * Pedro
Vitor Morbach Dixini * Rossanna dos Santos Santana Rubim *
Viviane Bessa Lopes Alvarenga

Editora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara
29040-689 – Vitória – ES

www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Autoria

Rafaela Soares da Silva Uliana
Antônio Donizetti Sgarbi

Comissão Científica

José Elias Rosa dos Santos
Leonardo Bis dos Santos
Valter Martins Giovedi

Revisão de texto

Rafaela Soares da Silva Uliana

Projeto Gráfico e diagramação

Rafaela Soares da Silva Uliana

Capa

Rafaela Soares da Silva Uliana

Ilustrações e imagem de capa

Isabella de Mendonça Corrêa

Os autores

Antonio Donizetti Sgarbi

Graduado em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Ciências e Letras de Lorena. Possui doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). É professor da Educação Básica Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Atua nos Programas de Pós Graduação: Ensino de Humanidades (PPGEH); Educação em Ciências e Matemática (EDUCIMAT) do Ifes.

Rafaela Soares da Silva Uliana

Graduada em Ciências Sociais e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui especialização em Psicopedagogia. Atua como professora na educação básica. Integra o Grupo de Pesquisa Histofic (História e Filosofia da Ciência) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e participa dos encontros do Grupo de estudos e pesquisas Paulo Freire (GEPPF) da UFES.

Apresentação

“Vale nota?” Uma pergunta que você que é professor já deve ter ouvido em algum momento... Em geral, ao propor alguma atividade aos estudantes, há uma grande possibilidade de algum deles perguntar quanto vale a tarefa. Queremos aqui refletir algumas possíveis razões pra esse tipo de questionamento, pensando sobre o que dá sentido aos estudantes em nossas escolas e buscando caminhos para realização de práticas educativas com significados para os estudantes.

Antes de continuarmos é preciso apresentar que este material educativo é fruto de uma pesquisa realizada entre 2018 e 2020 no mestrado em Ensino de Humanidades do PPGEH/IFES campus Vitória. A pesquisa “NAVEGANDO JUNTOS: EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DE PRÁTICAS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EMEF EDNA DE MATTOS” teve como parceiros o professor José Elias Rosa dos Santos e um grupo de estudantes acompanhados por ele no processo de tutoria desenvolvido pela escola Edna de Mattos Siqueira Gáudio (PMV/ES).

Neste material, com base nas experiências da pesquisa e reflexões a partir dela, vamos sugerir caminhos de práticas pedagógicas que podem ser adaptadas pelos educadores que desejarem desenvolver roteiros partindo da realidade de seus estudantes e em conjunto com os mesmos.

A pesquisa “NAVEGANDO JUNTOS: experiência de construção coletiva de práticas do ensino de História na EMEF Edna de Mattos” é fruto da linha de Práticas Educativas do Mestrado em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo.

A produção de materiais educativos nos mestrados profissionais auxilia o processo de divulgação das pesquisas desenvolvidas e reforça o compromisso com a educação pública do país, buscando mudanças possíveis com cursos de formação e práticas educativas inovadoras.

Esse e-book está disponibilizado gratuitamente na página eletrônica do PPGEH e da Biblioteca do Ifes *campus Vitória*.

Sumário

Apresentação	05
A nota é o que importa?	09
Paulo Freire: um convite para irmos além da nota	10
Roteiros freireanos: uma proposta para caminharmos juntos	14
O que pode ser um roteiro freireano?	17
Dialogicidade	19
Participação coletiva	24
Realidade como ponto de partida	29
Por que trabalhar com roteiros?	34
Roteiros freireanos: antes de começar	36
Roteiros freireanos: alguns passos	37
Cartas	47
Contatos com os autores	53
Referências	54

A nota é o que importa?

A pergunta VALE NOTA? é tão frequente no ambiente escolar quanto o questionamento VAI CAIR NA PROVA? ou a pergunta TEM QUE COPIAR?

Frequentemente, na ocasião da data em que se homenageiam os professores no Brasil, vemos nas redes sociais algumas mensagens que usam essas e outras frases comuns no universo escolar. Mas consideramos ser importante refletir sobre os porquês desses questionamentos.

Seriam as atividades propostas suficientemente significativas para os estudantes? Se sim, por que então questionar se a atividade será pontuada ou cobrada em algum processo avaliativo? Seria a nota o elemento que vem sendo priorizado no processo de ensino-aprendizagem?

As reflexões que buscamos aqui são sobre essas e outras questões, no intuito de pensar no que faz sentido para os estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Para iniciar, vamos apresentar um pouco do pensador que irá nortear nossas reflexões...

Paulo Freire: um convite para irmos além da nota

Fonte: <https://mst.org.br/2020/09/19/99-anos-do-homem-que-amava-as-gentes/>

Paulo Freire: um convite para irmos além da nota

Nascido no nordeste brasileiro, em 1921, Paulo Reglus Neves Freire tem sua história marcada pela coerência entre sua vida e sua obra, com uma postura política clara, posicionando-se sempre em favor da superação das opressões.

Seu trabalho ficou conhecido a partir da experiência de Angicos (Rio Grande do Norte), em 1963, quando sua práxis educativa para alfabetização de jovens e adultos mostrou-se eficiente na leitura da palavra e na leitura de mundo.

A partir dessa experiência Paulo Freire foi convidado a coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, porém a nova configuração política brasileira considerou o trabalho de Freire como uma ameaça, levando-o a viver fora do país por décadas. Ao retornar para o país seguiu como professor universitário e ocupou o cargo de Secretário Municipal de Educação em São Paulo.

Paulo Freire faleceu em 1997. Foi muito premiado e sua obra é reconhecida em vários países. No Brasil foi declarado Patrono da Educação Brasileira em 2012. Esse reconhecimento convive com uma série de ataques a esse grande pensador da educação brasileira, em nosso entender, motivados pelo temor que uma obra com caráter transformador e libertador, pensada para as massas, pode provocar em uma sociedade extremamente desigual e opressora como a nossa.

Acesse <https://www.paulofreire.org/> para mais informações sobre a vida e a obra de Paulo Freire.

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.”

(FREIRE, 2013b, p. 57)

Algumas ideias centrais na obra de Paulo Freire precisam ser aqui apresentadas para a compreensão da proposta de roteiros freireanos.

Para Freire (2013a) ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Portanto educar é um ato político, não é uma atividade neutra.

Um outro elemento fundamental é a práxis, que “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.” (Freire, 2013b, p. 52)

Sobre a relação entre educadores e educandos Freire (2013a) nos alerta que esta é uma relação em que os sujeitos são diferentes, mas não desiguais. Para tal é preciso que seja regida pela dialogicidade, pautada no respeito mútuo e valorização dos saberes.

Há muitos conceitos e reflexões na vasta obra de Paulo Freire, mas trouxe essas ideias como início de conversa para partirmos para a ideia de construção de roteiros freireanos, uma proposta que visa incentivar práticas pedagógicas nas quais as avaliações por notas e meritocracia não têm centralidade, ao contrário, todo o processo de ensino-aprendizagem é um movimento coletivo com avaliação permanente mas com objetivo maior na transformação da realidade dos envolvidos no processo.

Roteiros freireanos: uma proposta para caminhar juntos

São muitos os instrumentos e recursos que nós, educadores, utilizamos em sala de aula. Queremos aqui refletir com você que a utilização desses instrumentos e recursos devem ter intencionalidade e seguir caminhos nos quais você acredita e, especialmente, façam sentido para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A didática é o campo que estuda o fenômeno do ensino, no qual estudantes e educadores estão envolvidos. Na busca pelos modos de ensinar determinados conhecimentos, alguns elementos que, em geral, aparecem são os objetivos a serem alcançados, quais conteúdos serão abordados, que métodos serão utilizados e como tudo será avaliado. Frequentemente, nas escolas são os professores e as equipes pedagógicas das escolas e secretarias de educação que tomam essas decisões.

Você se lembra, nas suas experiências de estudante, quantas vezes foi perguntado sobre o que gostaria de estudar?

Roteiros freireanos: uma proposta para caminharmos juntos

Na obra de Paulo Freire o modelo de ensino comumente adotado na maioria das escolas brasileiras é intitulado de “educação bancária”. Nele “a educação se tona um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. (Freire, 2013b, p. 80) Nesse modelo as decisões dos conteúdos a serem abordados estão centralizadas nos órgãos competentes e o modo e quando serão ensinados nas decisões dos professores, bem como os professores e/ou a equipe pedagógica definem como tudo será avaliado. Freire utiliza os termos **prática educativa** e **prática pedagógica** para se referir à Didática. Os autores Valter Giovedi, Itamar da Silva e Débora Amaral (2018) nos apresentam a didática freireana que emerge da Pedagogia do Oprimido, uma didática crítico-libertadora que nos inspira a acreditar que podemos traçar rotas criando novos modos de aprender e ensinar.

Nós acreditamos na importância desses novos modos serem coletivos, com a participação efetiva dos estudantes. Desse modo, queremos apresentar o roteiro freireano como um instrumento que respeita os participantes do processo de ensino e aprendizagem, numa lógica que não é excludente.

RO.TEI.RO

sm

1. Descrição escrita dos pontos que se devem conhecer para uma viagem marítima.
2. Itinerário (2).
3. Indicação da situação e direção de caminhos duma povoação.
4. Esquema do que deve ser abordado, estudado, etc., em discussão ou trabalho escrito.
5. *Cin. Rád. Telev.* Forma de apresentação escrita de filme ou programa, e que contém falas e indicação de imagens, sonoplastia, etc.

Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

A que pode ser um roteiro freireano?

Inicialmente precisamos deixar claro que o que queremos propor aqui é um roteiro que siga os pressupostos freireanos. Com base no que expusemos sobre Paulo Freire e nas leituras por nós realizadas, elegemos alguns pressupostos que consideramos imprescindíveis para um roteiro com esse propósito, a saber:

DIALOGICIDADE

PARTICIPAÇÃO COLETIVA

REALIDADE COMO PONTO DE PARTIDA

Freire não gostava da ideia de que sua obra pudesse ser tida como uma receita, ao contrário deixava claro que deveria ser reiventada e recriada, pois a realidade e o conhecimento são dinâmicos.

É comum uma busca em torno do COMO FAZER, procurando que caminhos seguir para determinadas ações. Mas, para pensar um roteiro freireano, antes é preciso pensar em que valores queremos priorizar. Por isso queremos esclarecer aqui cada ponto eleito como essencial para a construção de um roteiro freireano, para depois apresentar propostas de construção de roteiros freireanos.

Dialogicidade

Diálogo/dialogicidade é “uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico”. Por meio do diálogo “podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação.” (Zitkoski, 2017)

Zitkoski (2017) nos mostra também que Freire afirma que pelo diálogo podemos dizer a nossa palavra, ou seja, dizer o mundo como vemos, alinhando a palavra dita com nossa ação humanizadora.

Dialogicidade

A práxis social pelo diálogo é um exercício frequente que como educadores devemos praticar em busca de uma “postura dialógica”, uma vez que hegemonicamente a educação bancária privilegia o professor como detentor do saber e da fala, priorizando a exposição de ideias e a escuta silenciosa por parte dos estudantes. Freire (2013b, p. 107) nos diz que “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.”

“De modo radicalmente oposto à *Educação Bancária*, o diálogo freiriano deve começar já na “busca do conteúdo programático”, em que estão implicados saberes diferentes, que não podem ser impostos por alguém, mas podem emergir a partir da comunicação crítica e esperançosa sobre nossa condição no mundo” (Zitkoski, 2017, p. 118).

Dialogicidade em ação

Para que essa categoria passe a fazer parte do cotidiano escolar, precisamos assumir essa postura dialógica, nos colocando sempre abertos ao diálogo e pensando estratégias para uma escuta atenta aos estudantes.

Não sou eu como educador que centralizo a fala, não sou eu que dou voz ao estudante, mas sim, juntos, em diálogos frequentes, criativos, respeitosos dividimos as falas em busca de novos conhecimentos elaborados coletivamente e que colaborem para a transformação social.

Algumas sugestões

- A sala de aula e outros espaços da escola ou fora dela devem ser ambientados para que os estudantes se sintam à vontade pra falar. Sentar em círculo, por exemplo, propicia mais o diálogo que a tradicional organização em fileiras.
- Deixar clara a disponibilidade pra ouvir utilizando dinâmicas, ferramentas digitais ou os recursos que mais se adequarem à realidade do grupo para que os estudantes possam se posicionar e expor suas ideias, angústias, dúvidas e o que mais desejarem. Podem ser disponibilizados momentos específicos de escuta, mas deixando claro que esses momentos não são os únicos momentos para se expressarem, com o tempo o grupo deve estar à vontade para falar no momento que julgar apropriado.
- Ser exemplo, pois se os estudantes conviverem com alguém que se coloca sempre à frente deles, com uma fala rude, sempre expondo suas ideias sem ouvir os demais, não se sentirão confortáveis para o diálogo.
- Vale lembrar que quanto mais trocamos ideias mais forte é a possibilidade de divergências, o que é natural. Somos diferentes e pensamos de maneiras distintas, mas devemos ter em mente que essas diferenças não podem ser sinônimo de desigualdade, portanto não podemos inibir o estudante, muito menos ignorá-lo, silenciá-lo, desrespeitá-lo.

“O diálogo crítico e libertador (...) tem de ser feito com os oprimidos (...). O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo.”

(FREIRE, 2013b, p. 72)

Participação coletiva

Weyh (2017) nos mostra que nas obras “A educação na cidade” de 1991 e “Política e educação” de 1993, Paulo Freire relaciona a participação ao exercício democrático de cada cidadão, tanto no sentido de ter voz e decidir em certos níveis de poder como na direção de um exercício de direito. Portanto, os estudantes têm o direito de participar das decisões do seu processo educativo na escola e na sala de aula. Bem como seus familiares e responsáveis e toda a comunidade devem fazer parte da política educacional da escola, acompanhando a proposta pedagógica, o orçamento.

Participação coletiva

Com isso, não descartamos o papel de liderança que o professor, o pedagogo, a direção da escola e outros indivíduos que estão no processo de organização da escola possuem, mas queremos mostrar que Freire (2013b, p. 244) nos lembra que “a teoria dialógica da ação nega o autoritarismo como nega a licenciosidade. (...) não há liberdade sem autoridade, não há também esta sem aquela.” Nesse sentido, “a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiras que ambos, como um só corpo, buscam instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza.” (Freire, 2013b, p. 245). Essa relação pode ser buscada entre escola e comunidade, entre educadores e estudantes, em constante diálogo nesse movimento de participação coletiva.

Participação coletiva em ação ✨✨

Nas escolas vemos com frequência uma participação dos estudantes bastante controlada. Por vezes eles podem falar nas aulas, mas não participam efetivamente das escolhas da escola, dos conteúdos ou temas a serem trabalhados. Há em algumas instituições o estímulo para uma organização estudantil, por meio de grêmios estudantis, por exemplo.

E nas instituições onde você trabalha, como os estudantes participam das decisões do que ocorre em sala de aula e na escola?

Algumas sugestões

De que maneiras você estimula a participação efetiva dos estudantes?

Se não for uma prática na escola onde trabalha, observe as possibilidades da implementação de assembleias estudantis, grêmios, representações de turma, rádio na escola, rodas de conversa... essas e outras iniciativas podem ser experimentadas para que a participação dos estudantes na escola cresça cada vez mais.

Acreditamos que com uma postura dialógica o educador estimula e incentiva que os estudantes participem dos planejamentos das aulas, opinem sobre o funcionamento da escola e construam juntos estratégias que auxiliem para a existência de um ambiente de boa convivência e rico de aprendizagens na escola.

“O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso, das maiorias compostas de minorias que não perceberam que, juntas, seriam a maioria.”

(Freire, 2013a, p. 98-99)

Realidade como ponto de partida

Frequentemente ouvimos colegas da educação falando sobre a importância dos conteúdos fazerem sentido para os estudantes, tendo conexão com a realidade. Mas para Freire a realidade vivida pelos estudantes deve ser expressa por eles, coletivamente, e devemos buscar compreender deles como a realidade é por eles vista e percebida para depois investigá-la e buscar soluções, mudanças, transformações de situações reais.

Paulo Freire afirma que realidade “não é só dado objetivo” mas também a percepção que as pessoas têm dela. “É um conceito-chave de seu pensamento. (...) Trata-se de ler a realidade para transformá-la.” (GADOTTI, 2017, p. 344)

Realidade como ponto de partida

“Ler a realidade significa compreender os fatos como partes estruturais de um todo dialético.” (GADOTTI, 2017, p. 344)

Gadotti (2017) nos mostra que na obra de Paulo Freire ele faz alusão à realidade com diferentes expressões para referir-se a modos da pessoa ser e estar no e com o mundo como ser de relações que se reconhece capaz de transformar essa realidade.

“O desvelamento da realidade implica a participação daqueles que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem.” (GADOTTI, 2017, p. 345)

Realidade como ponto de partida em ação

É nosso dever como educadores buscar caminhos para uma leitura crítica do mundo.

Auxiliar que os estudantes não se deixem levar pelo fatalismo ao observar situações reais, mas sim reconheçam que a realidade é inacabada e somos sujeitos ativos no mundo.

Algumas sugestões

Para auxiliar os estudantes a observarem e falarem sobre situações de sua realidade podemos fazer uso de uma série de estratégias como: entrevistas com lideranças da comunidade, visitas a equipamentos públicos da região, discussões sobre notícias relacionadas ao bairro, caminhadas no entorno da escola... organize um "rolê de resposta" com os estudantes, eles vão gostar! A partir do que for observado e sentido pelos estudantes, as informações podem ser organizadas para que leituras e debates aconteçam sobre as situações. O educador e a equipe pedagógica têm um importante papel ao auxiliar na seleção dos temas que serão discutidos e conteúdos que serão trabalhados junto com o que emergiu da realidade dos estudantes.

“Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política constato não para adaptar, mas para mudar.”

(FREIRE, 2013a, p. 75)

Por que trabalhar com roteiros?

Para orientar os alunos em seus estudos de forma clara, apresentando elementos importantes para o percurso de aprendizagem tais como temas, conteúdos, objetivos, processo avaliativo, referências como livros, páginas eletrônicas...

Para estimular autonomia e envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem, com proposição de atividades coletivas e com menos centralidade no educador.

No caso dos roteiros freireanos é preciso estarmos sempre atentos para não seguirmos uma tendência que existe nos roteiros tradicionais, similares a estudos dirigidos, que é direcionar as atividades e estudos sem a participação efetiva dos estudantes, que são vistos como meros executores e não construtores no processo de ensino e aprendizagem. E, geralmente, essa execução de tarefas é pensada para que o estudante caminhe sozinho. Porém, se observarmos os valores essenciais para a elaboração de um roteiro com base freireana, buscaremos incentivar práticas coletivas de participação e construção do conhecimento.

Roteiro freireano: antes de começar

Os valores centrais para elaboração de um roteiro freireano foram expostos, agora vamos apresentar alguns passos importantes...

- **Conhecer a comunidade (bairro, estudantes)**

Se o educador não é da região e não tem como fazer caminhadas no entorno da escola para conhecer o bairro onde a instituição está localizada, pode tentar ouvir os estudantes sobre o local, buscar pesquisas e reportagens sobre a área. Essas informações são importantes para compreender algumas situações que podem surgir em diálogos com os estudantes, em especial se a maioria deles for moradora do entorno.

- **Buscar parcerias**

Pode ser que a lógica de um roteiro freireano não esteja alinhada à proposta político-pedagógica da instituição, mas se o educador defende uma educação crítico-libertadora, pode ser possível seguir com a postura dialógica buscando expor com clareza suas ideias e objetivos e criar parcerias.

Roteiro freireano: alguns passos

1. Diálogo para conhecimento do grupo de estudantes e situações significativas e desafios da realidade.
2. Organização das ideias apresentadas pelos estudantes e planejamento do professor para organização do roteiro.
3. Entrega do roteiro aos estudantes com discussão sobre o mesmo.
4. Desenvolvimento do que foi proposto no roteiro dentro do prazo estipulado pelo professor com o grupo.

Roteiro freireano: caminhos possíveis

- Seu roteiro pode ser estruturado assim:

1. APRESENTAÇÃO
2. OBJETIVOS
3. ATIVIDADES
4. RECURSOS DE APOIO
5. APONTAMENTOS E AVALIAÇÃO

Essa sequência é apenas uma sugestão, deve ser adaptada de acordo com a realidade do grupo e a proposta de roteiro que está sendo pensada.

Não pode faltar...

- Clareza de exposição dos temas ou conteúdos que serão abordados no roteiro.
- O que se pretende alcançar com o roteiro: aprendizagem de algum tema, superação de algum problema, elaboração de algum projeto, construção de algum objeto e muitas outras possibilidades.
- As possibilidades de desenvolvimento do roteiro: leituras, atividades individuais ou em grupos, assistir vídeos, entrevistar pessoas, consultar livros e sites, ir a equipamentos e espaços públicos...
- Como as informações serão organizadas, apresentadas, compartilhadas com o educador e o grupo de colegas, em que prazo.
- Maneiras e momentos de avaliação tanto do que foi produto do roteiro como do próprio processo de desenvolvimento do roteiro e do envolvimento do grupo e de cada envolvido.

Não pode faltar...

- Na APRESENTAÇÃO vale a pena constar tema ou conteúdo proposto para o momento de aprendizagem e algumas palavras sobre a temática.
- Nos OBJETIVOS o que se deseja alcançar com as atividades propostas no roteiro, não só ao final mas também durante o trajeto. Esses objetivos são dos educadores envolvidos, dos estudantes e da comunidade (escolar, do entorno...).
- Na ENTREGA do roteiro uma leitura do material e sua discussão são fundamentais para observar se o grupo compreendeu o que está sendo pedido, como será avaliado, esclarecer as possíveis dúvidas...

Inspirações de etapas a seguir

MOMENTOS DIDÁTICO PEDAGÓGICOS	BUSCA TEMÁTICA SIGNIFICATIVA	NOSSA PESQUISA
DEMÉTRIO DELIZOICOV (2008)	PAULO FREIRE (2013b)	DONIZETTI, ELIAS, GRUPO DE ALUNOS, RAFAELA (2021)
PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL Apresentação de questões ou situações reais que os alunos conhecem e presenciam e que estão envolvidas nos temas. Os alunos são desafiados a expor o que pensam sobre a situação.	LEVANTAMENTO PRELIMINAR DAS CONDIÇÕES LOCAIS e “DESCODIFICAÇÃO” DA REALIDADE (conversa informal após delimitação da área)	DINÂMICA “REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO” (após conversas com o professor-tutor e grupo de estudantes)
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO Sob orientação do professor, conhecimentos necessários para compreensão do tema e da problematização inicial são estudados.	ELABORAÇÃO DAS CODIFICAÇÕES (imagens e falas a partir de contradições observadas e ouvidas na primeira etapa)	Elaboração de atividade on-line e questionário de avaliação do roteiro de estudos do 1º trimestre (a partir das falas da dinâmica e dos momentos de tutoria)
	DIÁLOGOS DESCODIFICADORES NOS CÍRCULOS DE INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA (participantes expressam sentimentos e opiniões sobre si, o outro e o mundo)	Diálogos sobre temas de interesse para roteiros do 2º e 3º trimestres
	ESTUDO SISTEMÁTICO E INTERDISCIPLINAR (identificação de temas implícitos e explícitos em afirmações feitas nos “círculos de investigação”)	Planejamento do professor-tutor e diálogo com os pesquisadores
APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO Abordagem sistemática do conhecimento incorporado pelo aluno para analisar e interpretar as situações iniciais e outras que possam ser compreendidas pelo mesmo conhecimento.	DELIMITAÇÃO E “REDUÇÃO” TEMÁTICA (elaboração do programa e planejamento de ensino por especialistas por área que buscam os núcleos fundamentais para as unidades de aprendizagem; podem inserir ‘temas dobradiça’)	Elaboração dos roteiros de estudos de História do 2º e 3º trimestres pelo professor (busca por articulação de temas de interesse dos estudantes com os objetivos de aprendizagem previstos no componente curricular para os ciclos)

Inspirações de etapas a seguir

Trouxemos esses três exemplos que podem ser inspiradores para que você crie as suas etapas.

Nos três caminhos vemos que as situações advindas da realidade são o ponto de partida, todo o processo é dialógico e os sujeitos participam coletivamente do processo.

Outros pensadores podem nos inspirar na busca por caminhos que não nos são impostos ou que vêm prontos em programas e livros didáticos. E aqui não estamos desmerecendo esses programas nem os livros, o que propomos é que possamos recriar e reinventar nossas práticas educativas de acordo com os grupos com os quais trabalhamos.

Que tal essa ideia?

Nos primeiros encontros com a turma convide-os para interagir com você respondendo algumas perguntas sobre eles e sobre o cotidiano deles. Esses elementos que surgem dessa dinâmica ajudam o educador a conhecer melhor o grupo e a realidade vivenciada pelos mesmos. Uma boa ferramenta é o *Mentimeter*. Através de algumas perguntas e respostas curtas são geradas nuvens de palavras que ajudam a dar uma visão geral sobre o grupo ou sobre o que pensam a respeito de determinado assunto, o que pode gerar boas conversas.

Esse vídeo traz informações sobre essa ferramenta e seus usos:

<https://youtu.be/Ip0hAYhau34>

✓ Atenção, pra realização dessa atividade os estudantes precisarão ter acesso a um celular ou a um computador pra participarem respondendo as perguntas.

✓ Essa atividade também pode ser adaptada com pedaços de papel caso o acesso aos aparelhos tecnológicos não seja possível. Sem a ferramenta digital, o que muda é que os estudantes vão entregando seus papéis com as respostas (ou falando caso se sintam à vontade) para que o professor ou algum colega registre no quadro as palavras ou expressões.

✓ Outras ferramentas digitais podem ser utilizadas e de outros modos, a sugestão dada aqui é apenas uma das muitas possibilidades que cada contexto e cada grupo pode construir coletivamente. Trocar ideias com outros educadores sobre o que usam irá ampliar as opções e os estudantes sugerem muitas possibilidades. O legal é buscar ter os pilares da dialogicidade, da participação coletiva e da realidade como ponto de partida sempre em mente para realização das atividades.

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.

O que elas amam são os pássaros em voo.

Existem para dar aos pássaros coragem para voar.

Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque

o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

Veja essas experiências que inspiram...

Projeto Quebrada Maps

<https://verdicom.weebly.com/blog/para-ensinar-geografia-professor-de-escola-publica-cria-o-quebrada-maps>

Emef Campos Salles (São Paulo-SP)

<https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-transforma-curriculo-e-valoriza-a-autonomia-do-estudante/>

Emef Desembargador Amorim Lima (São Paulo-SP)

<https://amorimlima.org.br/2018/05/roteiro-e-tutoria/>

Emef Edna de Mattos Siqueira Gáudio (Vitória-ES)

<https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/inovacao-em-emef-de-jesus-de-nazareth-e-reconhecida-pelo-ministerio-da-educacao-20261>

Cartas

Vamos nos despedindo bem freireanamente...

Vieira (2017, p. 65) registra que manifestar-se por meio de cartas era um hábito constante de Paulo Freire, uma prática coerente com seu pensamento. “A carta como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito.”

Carta aos educadores

*Caro colega,
sigamos juntos nessa coletividade de lutar
por uma educação rica de sentidos. Nunca
foi nossa intenção dizer a ninguém como
as coisas devem ser, o que queremos
mesmo é dizer como acreditamos que
podem ser. Acreditamos numa educação
não autoritária, onde todos os
participantes do processo tenham voz:
educadores, estudantes, familiares,
comunidade e quem mais estiver
envolvido no processo educativo.*

*Cremos também que fomos nos
transformando enquanto educadores a
cada leitura das obras de Paulo Freire.*

*Por acreditar no que lhe escrevemos que
produzimos esse material educativo.
Desejamos verdadeiramente que
tenhamos professores e estudantes felizes
nas escolas. Vivemos em um país onde a
desigualdade social é uma marca, ter a*

*educação como possibilidade de reduzir
essas desigualdades é algo em que
acreditamos. Não sabemos quando esses
processos de mudanças poderão ser vistos
no processo educativo de modo mais
abrangente em nosso país, mas sabemos o
quanto é gratificante o sentimento de
lutar pelo que acreditamos. Buscar mais
diálogo é um caminho que esperamos não
ter volta.*

*Na carta aos estudantes há conexões com
esta carta aos professores. Se puder, leia-a
para seus estudantes ou faça a sua
também. Nossos estudantes merecem
saber o quantos são a razão da nossa
prática.*

*Esperançosamente,
Rafaela e Donizetti*

Carta aos estudantes

Caro estudante,

Vocês são a razão pela qual a educação deveria existir. Tudo o que acontece nas escolas deveria ser em diálogos com vocês. A educação que acreditamos é assim, construída no diálogo, na busca por um mundo livre de opressões e mais justo.

Para que a vida seja melhor é preciso que você mantenha sua disposição para crescer sempre mais como pessoa e como cidadão e cidadã.

Uma educação que te ajude a ser dono(a) de si mesmo continua sendo um caminho seguro na construção dos novos tempos. Assim dedique-se aos estudos, valorize seus professores, prepare-se para assumir o comando na nova sociedade. Você é a maior riqueza desta nossa pátria, deste nosso mundo. Não se deixe enganar por qualquer discurso falso. Busque saber o porquê de todas as coisas. Nós acreditamos em você e em você depositamos a nossa esperança de dias melhores.

Quando puder falar o que pensa, diga. E quando não puder, busque pessoas com quem conversar... O diálogo, a relação consigo, com o outro e com o mundo é um caminho para a realização pessoal e a construção de um mundo melhor.

*Carinhosamente,
Rafaela e Donizetti*

Carta aos que acreditam que outro mundo é possível

*À você educador, pra vocês
estudantes, para você militante e
para quem mais crê num mundo
com mais boniteza, palavra tão
dita e escrita por Paulo Freire.*

*Entendemos a importância de falar
com pessoas dos mais diversos
espaços que acreditam que é
necessário lutar contra uma
sociedade repleta de desigualdades
sociais e opressões.*

*Freire sempre nos lembrou que a
educação sozinha não transforma
a sociedade, mas que sem ela
tampouco a sociedade muda.*

*Porém, não é qualquer educação que
vai contribuir com a mudança.*

*Neste sentido apostamos numa
educação que se constrói a partir
do diálogo.*

*O projeto de um outro mundo possível
só será transformador se for
desenvolvido a partir de uma
sociedade organizada, com o
envolvimento de pessoas que
aprenderam a dizer a sua palavra.*

*A educação com rigor metodológico
irá contribuir para preparar os
artífices do outro mundo possível
onde se verá uma sociedade
verdadeiramente livre, humana,
justa e democrática.*

*Esperançosamente,
Rafaela e Donizetti*

Que tal essas ideias?

Escreva uma carta pra nós. Conte-nos como foi sua experiência com este material, ou como você busca praticar uma educação libertadora.

Essa proposta pode fazer parte de uma dinâmica em um grupo de professores, que podem escrever cartas uns para os outros trocando experiências sobre seu cotidiano docente.

As cartas também podem ser um bom instrumento para que os estudantes relatem sobre aspectos de sua realidade ao educador ou ao grupo de estudantes de sua turma, da sua escola ou de outros tantos lugares.

Carta “A escola que sonhamos”

Proponha a seus estudantes o seguinte exercício: *escreva uma carta sobre a escola dos seus sonhos.*

Orientação inicial aos estudantes: em seu texto pense em tudo que te empolga e tudo que te cansa ou entristece na escola. Escreva de que cores a escola seria, em que horário, estudando o que, se teria prova, seminário, feira cultural, música, esporte... Como é a escola dos seus sonhos? Caso o estudante deseje, ou seja mais apropriado para a faixa etária, pode representar por meio de desenhos essa escola.

Possibilidades: essas cartas podem ser lidas por você e as ideias discutidas com os estudantes. Os mesmos podem ser convidados a ler seus textos aos colegas de turma. As cartas podem ser trocadas entre as turmas da escola. O importante é perceber o que os estudantes pensam da escola, como se sentem e o que almejam para ajudar os educadores a pensar uma escola rica de sentido. Estamos tão habituados a vivenciar as coisas como são que não nos abrimos a novas possibilidades.

Contato com os autores

Conte-nos o que achou desse material educativo, de que modo esse material foi útil a você e o que mais quiser compartilhar conosco.

Você pode enviar um e-mail ou acessar o formulário de avaliação:

<https://forms.gle/3pbAP7vRsCBVAzL57>

E-mails de contato:

donizettisgarbi@gmail.com

rafaelassuliana@gmail.com

Referências

DELIZOICOV, D. Didática Geral. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 45ª ed. [1996]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 54ª ed. [1967]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b

GADOTTI, Moacir. Realidade (verbete). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides R.; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs). Dicionário Paulo Freire. 3. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p. 343-345).

GIOVEDI, V., SILVA, I. da, & AMARAL, D. (2018). A didática que emerge da pedagogia do oprimido. *Revista e-Curriculum*, 16(4).
DOI:<https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i4p1110-1141>

ULIANA, R. S. da S. Navegando juntos: experiência de construção coletiva de práticas do ensino de História na EMEF Edna de Mattos. 26/03/2021, 150 f. Mestrado em Ensino de Humanidades (Profissional) do Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, Biblioteca Depositária: Biblioteca Nilo Peçanha - Ifes - Campus Vitória.

VIEIRA, Adriano. Cartas pedagógicas (verbete). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides R.; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs). Dicionário Paulo Freire. 3. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p. 65).

WEYH, Cênio. Participação (verbete). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides R.; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs). Dicionário Paulo Freire. 3. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p. 302-303).

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade (verbete). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides R.; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs). Dicionário Paulo Freire. 3. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p. 117-118).